

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
2º SEMESTRE/2003-4
DISCIPLINA: HISTÓRIA DA AMÉRICA I
PROFESSOR: RODRIGO BENTES MONTEIRO
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO
SEMINÁRIO: TÚPAC AMARU
RELATÓRIO INDIVIDUAL

INTRODUÇÃO

Nosso grupo, inicialmente, discutiu – nos seus traços mais gerais – a rebelião ou o movimento social Túpac Amaru (segundo a interpretação adotada) chegando à conclusão de que era possível dividir o trabalho de acordo com o seguinte índice:

INTRODUÇÃO

- 1 – O império Inca antes da chegada dos espanhóis.
- 2 – A conquista: choque cultural e produção de uma sociedade hispano-inca. As características desta sociedade pós-conquista estariam presentes, nos seus conteúdos mais profundos, na época em que se deu Túpac Amaru.
- 3 – Análise da conjuntura econômica e política, tanto no “Peru” quanto na Europa, contextualizando, pois, o movimento Túpac Amaru.

REBELIÃO E/OU MOVIMENTO

- 1 – O papel dos mitos incaicos na construção do movimento contestatório.
- 2 – O perfil dos líderes, buscando-se, a partir deste estudo, uma compreensão mais profunda do que foi Túpac Amaru; pelo que lutaram, enfim, o estudo sobre os líderes, estes considerados como representantes de aspirações de setores sociais bem definidos e não apenas como indivíduos isolados do conjunto de relações sociais do seu tempo.
- 3 – A narrativa, propriamente dita, de todo o movimento. A ação dos rebeldes e dos espanhóis, os grupos ou facções envolvidos na luta, etc.

CONCLUSÃO

- Fracassou? Foi um precursor das lutas pela independência da América Latina? Que ecos e lições podemos tirar da experiência de Túpac Amaru? Mais do que uma conclusão, uma problematização de todo o movimento, como pontapé inicial para o debate com a turma.

Fiquei encarregado do relato do item 2 da introdução (A conquista). Para tanto, explorei quase toda a literatura dada no curso e os textos específicos indicados para o referido seminário.

Colaborei, democraticamente, nas discussões sobre os demais itens e sobre o seminário como um todo.

Apresento, a seguir, uma síntese individual sobre Túpac Amaru, acrescida de alguns comentários pessoais, reflexões feitas no curso dos referidos estudos, não expressando, de forma alguma, análises conclusivas, mas tão-somente questões que serão melhor estudadas no futuro, dada a importância do tema.

EL MOVIMIENTO TUPACAMARISTA 1780-1781

Por onde começar? Pelo econômico? Talvez... Não dizem que é ele quem explica tudo? Pode ser... Se a história não fosse tão complicada, poderíamos começar pela “base” (a crise econômica na região, o arrocho colonial, etc). Depois, como numa equação matemática, resolveríamos os aspectos superestruturais jurídicos e políticos, e, como sempre, no final de tudo, relataríamos a ideologia como mero reflexo da “base”. Mas sobre o movimento tupacamarista, é o ideológico o primeiro da fila, indiscutivelmente.

Os mitos tupacamaristas esperaram pacientemente mais ou menos dois séculos para que o econômico se manifestasse, e aí sim, de mãos dadas firmemente com ele, e em pé de igualdade, marchassem juntos na propulsão de todo o movimento, cujo determinante, em última instância, sem dúvidas, foi a conjuntura econômica, mas que sem a mitologia tupacamarista jamais teria emergido e sequer atingido tamanha mobilização social.

Em sociedades cujo estágio de desenvolvimento das forças produtivas e, por conseguinte, da ciência e da técnica ainda não atingiu um grau relativamente satisfatório de domínio e compreensão sobre a natureza, as explicações sobre a origem do mundo, os fenômenos naturais, os porquês da ordem das coisas serem desta e não de outra maneira são fundamentadas na mitologia. Tal era o caso dos incas antes da conquista espanhola. Apesar de toda a violência cultural, os colonizadores não foram vitoriosos na troca dos mitos incaicos pelos mitos cristãos.

Para os incas, o sagrado era onipresente. “(...) as sociedades ameríndias viviam, sob variadas formas, a expectativa de regresso ao tempo e ao espaço dos ancestrais, apegados ao mito do “eterno retorno” que, de certo modo, explica a natureza particular dos chamados “milênarismos primitivos”: o prolongamento das escatologias nas cosmogonias, o fim do mundo preludiando, sempre, um novo recomeço.”¹ Para muitos indígenas, a chegada dos espanhóis era sinal de que o fim do mundo se aproximava, e depois dele, o recomeço de tudo: “As utopias ameríndias combinaram, desse modo, o apego às suas tradições com a recusa do europeu. O mito ingressava na história, sem deixar de ser mito (grifo meu) (...) Alguns se converteram em movimentos armados (...) [As] utopias milenaristas dos povos americanos reinterpretaram suas crenças e tradições em função do colonialismo, e contra ele se lançaram, seja negando o “sentimento mercantil” que o animava, mormente a escravidão, seja obstando a marcha da ocidentalização dos corpos e almas nativas.”²

Não é da minha vontade encher este trabalho com citações, mas algumas são imprescindíveis, sobretudo porque nos ajudam a compreender o movimento tupacamarista não apenas como uma mera insubordinação motivada por interesses apenas materiais, mas também, e muito também, por interesses que transcenderam a esfera do material. Veja: “O descobrimento e a colonização européia da América assumiu, pois, em vários sentidos, o caráter de um debate de utopias: paraíso cristão *versus* terra sagrada dos ancestrais; utopia salvacionista *versus* idolatrias. Embate de utopias traduzido em confronto aberto e não raro sangrento, com vítimas nos dois lados, de que resultaria o aparente triunfo da cultura ocidental.”³

No entanto, o reconhecimento de fatores extra-econômicos como um dos determinantes decisivos para a eclosão do movimento tupacamarista perderia seu valor explicativo se tomado como o determinante e não como um dos determinantes. É inegável também que as reformas *borbônicas* e seus reflexos na política colonial (inflação dos preços na colônia, a opressão tributária e o arrocho dos mitaios na busca de maior extração de sobretrabalho, por exemplo) tiveram a sua importância determinante para o surgimento do tupacamarismo. A meu ver, qualquer reducionismo determinista empobrece as análises. O movimento tupacamarista tem o mérito de se mostrar como um fenômeno que não pode ser explicado parcialmente, ora compreendendo-o prioritariamente dentro do campo da dimensão apenas econômica, ora no campo do mítico. Somente a análise ampla e multilateral é capaz de apreendê-lo. Aliás, isto serve para a história como um todo, mas em certos casos esta contradição aflora com mais nitidez. Este é mérito de Túpac Amaru.

O PODER DO MITO DO INKARRÍ

O último inca, Tupac Amaru I, foi decapitado pelos espanhóis em 1572. Desde então, uma lenda foi sendo construída gradualmente, segundo a qual o corpo do Inca estaria se reconstituindo em baixo da terra. Ele, agora chamado Inkarrí, o criador do mundo incaico (o

¹ História & Utopias. Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História. Organização John Manuel Monteiro Ilana Blas. ANPUH – Associação Nacional de História, 1996, p. 225.

² Idem, p. 226.

³ Ibidem, p. 227.

Incario) voltaria para trazer de novo a justiça e a harmonia para o seu povo. “A idéia de *recuperación*, entretanto, não se confundia com a mera restauração de um passado perdido, mas indicava a construção de uma nova ordem. Este império surgiria transformado e profundamente marcado por aspectos da religião cristã, particularmente com referência ao seu caráter messiânico de recuperação de “uma vida sem mal” – limpa e sem pecados – e da afirmação do cristianismo enquanto a religião da nova ordem a ser estabelecida. Tupac Amaru – o setecentista – se diria cristão e lutando em nome do Rei da Espanha.”⁴

O impressionante aqui é a constatação de que realmente os mitos surgem como o resultado da interação do homem com o que o cerca; neste caso específico, as injustiças do mundo colonial e o cristianismo. É bom que sempre seja assim. Os Homens nunca desistem de lutar por universos mais equilibrados e justos, e quando perdem suas batalhas no campo do terreno, batem em retirada e se agrupam no campo do espiritual, do mítico. Nele, afiam suas espadas e retornam, quando oportuno, para o mundo das coisas, armados com os seus mitos que os animam para novas e sangrentas batalhas. Nunca desistem! Nunca se dão por vencidos! As esperanças de um mundo melhor são provas de que as batalhas não se deram por perdidas. As esperanças criam os mitos; os mitos materializam as esperanças.

A esperança do retorno da era dourada dos incas, o retorno de Inkarrí, o cristianismo, a miséria da sociedade colonial, tais foram os ingredientes da mitologia animadora tupacamarista. “Nesse sentido, Tupac Amaru era um firme devoto da fé cristã, mas que agia primordialmente em nome dos desígnios estabelecidos pelo deus Viracocha.”⁵

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO

Naturalmente que um movimento animado por mitos só pode obter sucesso se os seus líderes forem íntimos do sagrado, e, portanto, legítimos. A rede de parentesco parte dos líderes, neles tem o seu início, atingindo a família ampliada até “a grande família andina”.

“É nesse sentido, portanto, que surge outro elemento fundamental na relação que então se estabelecia entre o mito e a capacidade de ação rebelde: a malha social centrada na figura do inca, suas relações familiares e comerciais. Malha essa que fornecia as conexões estratégicas que tornavam possível a materialização e o desenrolar do movimento rebelde.”^(...)
(...) Quer na região próxima à Cusco, na província de Tinta, quer no Alto Peru, na região de La Paz ao sul do lago Titicaca, ambos os movimentos rebeldes se assentaram nas relações que conectavam seus líderes, Tupac Amaru e Tupac Katari, aos seus parentes e agregados comerciais mais próximos, rede essa que se estendia através de conexões várias a partir daquela malha inicial. Recuperava-se, portanto, a noção de clã incaico, (...) que integraria uma vez mais, todas as comunidades andinas.”⁶

OS MOTIVOS, OS LÍDERES, AS FASES E AS POSSÍVEIS RAZÕES PARA A DERROTA DO MOVIMENTO

“Surge entonces la pregunta? Qué pudo coyunturalmente influir en lanzarlos como dirigentes de un movimiento de tal alcance? Numerosos autores ban atribuido al reparto de mercancías, como el factor detonante de la rebelión.”^(...) Esto especialmente teniendo en cuenta que el enfrentamiento se inició dando muerte al corregidor Arriaga, además de que este hecho estuvo precedido de una campaña a favor de la abolición del reparto, que se vio salpicada de revueltas locales contra los corregidores y sus cobradores.”⁷

⁴ Ibidem, p.269.

⁵ Ibidem, p.269.

⁶ Ibidem, pp.270,271.

⁷ Scarlett O’ Phelan Godoy. EL MOVIMIENTO TUPACAMARISTA: FASES, COYUNTURA ECONOMICA Y PERFIL DE LA COMPOSICION SOCIAL DE SU DIRIGENCIA. IN: Actas del Coloquio Internacional Túpac Amaru y su Tiempo. Lima, 1982, pp. 468, 469.

Indiscutível, porém, é a relação entre a agitação social dos últimos anos da década de 1770 e a implantação das reformas *Borbónicas*. A elevação do imposto de alcabala, uma espécie de ICM da época, de 4 para 6%, e a criação “*de los Aduanas*” seguramente que foi prejudicial para aqueles envolvidos com atividades comerciais. Isto explicaria a composição social dos dirigentes do movimento. “Es por lo tanto probable que el factor coyuntural constituido por las Aduanas y la alcabala, explique la presencia significativa no sólo de arrieros, sino también de chacareros ricos (campesinos acomodados), comerciantes medios, mineros y artesanos, que tanto en el Bajo como en el Alto Perú se vieron envueltos dentro de la dirigencia del movimiento.^(...) Es decir lo que podríamos denominar las *capas medias de la sociedad colonial*. (...) La rebelión fue organizada por gentes de la clase media.”⁸

Túpac Catari era um índio comerciante. É em função de suas atividades comerciais que vai contar com grande mobilidade social, grande poder de articulação. Túpac Amaru também era vinculado a atividades comerciais. É claro que no curso do movimento, as lideranças muitas das vezes assumem os interesses dos grupos majoritários de que são os representantes, o que explica a não correspondência muito comum entre os interesses individuais dos líderes e suas ações como dirigentes. É inegável que o movimento tomou rumos bem radicais, sobrepondo-se aos interesses estritamente de “classe média”. A questão de se saber se os líderes dos rebeldes foram ou não atropelados pelo movimento, ou se espontaneamente adotaram as reivindicações sobretudo da massa indígena, mas também dos mestiços e negros (fim da mita e da escravidão) é uma questão a ser investigada.

Seria muito interessante se pudessemos reconstituir a sociedade peruana da segunda metade do século XVIII de tal forma que nos fosse possível realizar uma verdadeira análise das classes e da estratificação social daquela época, para aí sim, situarmos os líderes, suas articulações com outros grupamentos, os interesses de classe que lhes deram suporte, etc. Não o faço por duas razões: primeiro porque exigiria um estudo cuidadoso das fontes primárias e bibliografia, o que não é possível no momento. Segundo porque me faltam conhecimentos e qualificação para tanto. Seja como for, alguns traços muito gerais e superficiais são possíveis de serem trazidos à tona.

A relação entre os líderes e as fases do movimento, que aparentemente poderiam ser separados em tópicos distintos, é muito estreita, como veremos.

Scarlett O’ Phelan Godoy divide o movimento em duas fases. Por isso rejeita o conceito “rebelião” para tratar do tema, visto que reduz Túpac Amaru a uma simples insurreição, desprezando seus antecedentes. Vai optar acertadamente pela expressão “movimento”. A primeira chamou de “fase de gestacion” que contou com a condução pessoal de José Gabriel Condorcanqui (cacique da província de Tinta) no Baixo Peru. Posteriormente, a direção recairia em outros membros da família Túpac Amaru. A segunda, de “la rebelión”, que se misturou com a agitação também em curso no Alto Peru, produzindo um movimento social de maior amplitude e radicalização.⁹

“Existe prácticamente un consenso en aceptar que el movimiento tupacamarista que estalló en Tinta [província do Baixo Peru], atravesó por dos etapas o fases más o menos definidas.^(...) La primera, que podría describirse como la fase cuzqueña o quechua, fue la encabezó José Gabriel, reclutando para ello su dirigencia principalmente de las provincias de Canas y Canchis (en un 80%) y en menor porcentaje de las provincias cuzqueñas aledañas: Quispicanchis Paruno, Chumbivilcas, Calca y Lares.^{(...),10}

Nesta primeira fase, o movimento ainda não havia atingido a radicalização que viria a ter posteriormente. Havia fazendeiros criollos, por exemplo. As províncias envolvidas pertenciam à etnia quechua. Ao que tudo indica, o objetivo era apenas restabelecer o sistema de dominação inca, expulsando os espanhóis. “No caso de Tupac Amaru e da rebelião por ele liderada [1ª fase], parece evidente a noção de recuperação do Império Inca, um império idealizado a partir da prévia dominação quechua que se impôs por todo o território andino e regiões circunvizinhas, séculos atrás. Nesse sentido, Leon Campbell recupera uma cronologia

⁸ Idem, p. 472.

⁹ Scarlett O’ Phelan Godoy, op. cit., p. 461.

¹⁰ Idem, p. 462.

importante em termos da análise da ação de grupos quéchua visando o controle e a liderança da ação rebelde.”¹¹ (grifo meu)

José Gabriel Condorcanqui, o Tupac Amaru, dizendo-se o legítimo herdeiro do último inca, vai buscar e conseguir bases de apoio nas elites indígena e criolla. Falava e escrevia o espanhol além de sua língua nativa, o quéchua. Era um homem letrado. “No entender de Leon Campbell, o movimento tupacamarista havia iniciado sua ação sob o signo da cooptação de elites, indígenas e *criollas*, evitando a radicalização da ação rebelde. Teria sido o desenrolar dos acontecimentos, alheios à vontade de Tupac Amaru [José Gabriel Condorcanqui], que teria concorrido para que sua atuação se deslocasse para um campo de maior mobilização popular a despeito do crescente horror dos *criollos* pelo movimento. A intenção original era, portanto, o retorno da dominação inca sobre toda a região andina, sendo esta a estratégia para eliminação da dominação espanhola na região.”¹² (grifo meu) Tupac Amaru, naturalmente, contemplando a massa indígena com reivindicações populares, prometendo a libertação do seu povo e a restituição da justiça, buscava o apoio das massas para os seus limitados e conservadores objetivos: ocupar o lugar dos espanhóis na dominação do seu povo. Daí o apoio recebido pela elite criolla. Mas as massas, como sempre, têm o horrível defeito de, primeiro, acreditar na pregação dos seus líderes, e segundo o de pretenderem levar adiante a luta até a conquista dos objetivos prometidos, ou ao menos parte deles. Tupac Amaru teria detonado um processo sobre o qual perderia o controle, dado o descontentamento acumulado na massa indígena.

Um outro cacique, Tomás Katari, o primeiro grande líder katarista do período, da região do Alto Peru, executado em janeiro de 1781, dois meses após o início da rebelião liderada por Tupac Amaru, também conspirava em sua região. Vejamos a cronologia:

- Outubro de 1780, aproximadamente: início da rebelião no Baixo Peru, liderada por Tupac Amaru (etnia quéchua);
- Janeiro de 1781: Tomás Katari (etnia aimará), líder do movimento no Alto Peru, é executado. Há uma certa fase de descenso no Alto Peru;
- Maio de 1781: Morre Tupac Amaru. O movimento retoma seu fôlego, assumindo a sua direção Julian Apaza, passando a denominar-se Tupac Katari (etnia aimará);
- 18 de dezembro de 1781: é executado Tupac Katari.

É fundamental perceber que a hegemonia ou o controle de todo o movimento foi disputado por duas etnias: a quéchua (Baixo Peru), conduzida inicialmente por Tupac Amaru, e a aimará (Alto Peru) conduzida inicialmente por Tomás Katari e, após um pequeno descenso, por Julian Apaza (Tupac Katari).

Parece arriscado afirmar que a direção dos quéchua (Tupac Amaru) seria a mais conservadora, sobretudo porque o movimento ganha maior profundidade e radicalidade na segunda fase, quando o Alto Peru se incorpora na luta, ingressando no exército rebelde grande quantidade de mulatos e negros, fatos não registrados enfaticamente no Baixo Peru. É arriscado, realmente... Merece melhor apuração.

“Para autores como Boleslao Lewis e Daniel Valcarcel essa variação étnica na liderança do movimento rebelde como um todo, seria o resultado da decisão das comunidades indígenas do Alto Peru em dar continuidade ao movimento rebelde. Para Leon Campbell, entretanto, esse contexto deve ser interpretado de forma radicalmente diversa. Para o autor, a noção de um Incario unificado, nos termos propostos por Garcilaso de La Veja, dificilmente poderia corresponder à realidade andina do século XVIII, particularmente após a criação do Vice-Reinado do Rio da Prata em 1776, que aprofundou ainda mais as divisões latentes entre as populações quéchua e aimará, contexto que se aprofunda com o desenrolar da ação rebelde.^(...) Nesse sentido, a transformação de Julian Apaza em Tupac Katari seria a culminação de um movimento no sentido da ação de grupos indígenas da região Colla, próxima ao lago Titicaca. Ação essa contrária à possível supremacia quéchua na região, que cada vez mais parecia ser algo eminente. Tupac Katari simbolizaria, portanto, uma “forma virulenta do nacionalismo aimará”, num contexto duplamente marcado pela dominação espanhola e pela

¹¹ História & Utopias. op. cit., p. 272.

¹² Idem, pp. 272,273.

tradição regional de preservação da identidade e da independência do grupo regional. [§] (...) Julian Apaza falava tão somente o aimará, havendo indícios de que não conhecia a língua quéchua. Uma de suas principais medidas foi a imposição do uso da língua aimará em todo o território sob o seu controle (grifo meu). Eventos que marcaram o cerco da cidade de La Paz por tropas kataristas e tupacamaristas apresentaram evidências que confirmam a impossibilidade de aceitação de Tupac Katari como o novo Inkarrí; como aquele que de fato pudesse garantir a constituição do Incario como previsto pelo mito do retorno à uma “época dourada”. [§] Nesse sentido, o destino do movimento rebelde andino parecia estar fadado à derrota, na medida em que a divisão de suas forças apenas viria facilitar a ação do poder colonial no processo de esmagamento dos grupos rebeldes.”¹³

CONCLUSÃO

Embora todos compartilhassem da mesma mitologia, a realidade parecia recusá-la. Ora, o Incario nunca existiu! Era um mito! E continuou sendo um mito... A julgar por tudo o que foi dito, podemos concluir que os mitos possuem muitas potencialidades como propulsores de movimentos sociais. Uma vez que os atores do processo histórico armam-se com eles, aliados à espada, ganham coragem, audácia e forças motrizes produtoras de movimentos de grande amplitude. Mas assim como potencialidades, possuem seus limites. Não produzem uma realidade que os aceitem incondicionalmente. É, pois, preciso muito mais do que mitos para que um movimento social contestatório conquiste os seus objetivos. O Incario era um mito, e não encontrando bases sólidas mais acolhedoras, continuou sendo um mito.

Faltou ao movimento tupacamarista, dentre outras, a unidade política. A divisão, produto de contradições seculares entre as diversas etnias pré-colombianas, representou a morte. Mas não apenas isso. Os interesses de classe contraditórios – na direção – enfraqueceram o movimento. Entrar na análise destas questões, vale dizer, muito importantes, impediriam a conclusão deste trabalho. Saliento, apenas, que o mito, parte daquilo a que os marxistas chamam de “condições subjetivas”, não foi suficiente. Faltaram programas claros e lideranças aptas a levarem adiante os interesses mais autênticos da massa indígena, contrapondo-os às indefinições e oportunismos da cúpula, mais interessada no retorno à antiga ordem incaica do que na construção de uma nova ordem mais igualitária do que as precedentes. Os nacionalismos quéchua e aimará constituem, neste sentido, a prova de que os interesses da massa mestiça e sobretudo indígena estavam em segundo plano. As “condições objetivas”, ou melhor, o agravamento das condições materiais de existência estavam dadas e maduras. Elas foram as “causas uniformes”, segundo os antropólogos evolucionistas, que produziram os movimentos contestatórios também uniformes, nos seus traços mais gerais. Tanto é verdade que as ações de Tupac Amaru e de Tomás Katari se deram no mesmo período (década de 1770) sem que, ao que tudo indica, tivesse havido combinação prévia entre os dois. Mas não foram completadas, no campo “subjetivo”, com um aparato teórico e político à altura das exigências daquela conjuntura.

A radicalização do movimento se dá pela pressão das bases, cujas direções, para não serem atropeladas, cedem com algumas concessões. Mas na medida em que o movimento avança, e com ele as vacilações da liderança, surge a desordem no seio do próprio movimento, fruto da contradição entre os interesses da direção e os das massas dirigidas. Estas, por sua vez, não dispendo de lideranças autênticas capazes de traduzirem seus anseios em programas e ações de reordenamento da sociedade que expressem suas aspirações, ou que ao menos as contemplem, agem espontaneamente, contribuindo ainda mais para a desorganização e divisão do movimento, fatos que permitiram aos colonizadores uma vitória relativamente fácil. Do contrário, expulsariam os espanhóis para depois ajustarem suas contas com as elites locais.

A luta das massas tupacamaristas, sobretudo indígenas, continua em curso. Seus inimigos históricos, os colonizadores espanhóis, ontem, e o imperialismo, hoje, enfim, os colonialistas e neocolonialistas, aliados às elites locais sobretudo latifundiárias mas também

¹³ História & Utopias. op. cit., pp. 273, 274.

empresariais, constituem a tralha cujo destino será, inexoravelmente, o lixo da história. Neste sentido, ainda que os interesses da elite crioula, nas lutas pela independência da América Latina, se restringissem a uma mera disputa com os colonizadores pelo controle da extração do sobretrabalho de seus povos, as massas camponesas, índios, mestiços, mulatos e negros, artesãos, assalariados, enfim, o povo miúdo, sempre participaram de todos os movimentos apostando suas cartas na possibilidade de uma vida menos sofrida, e portanto, independentemente de suas consciências, inconciliáveis com os interesses privatistas coloniais e locais. Se para os criollos o fundamental foi a acomodação dos interesses, uma vez expulsos os espanhóis, para as massas o espírito de ruptura sempre falou mais alto. Neste sentido, o movimento tupacamarista representou o primeiro grande confronto histórico com a ordem colonial vigente, um marco histórico sem precedentes, não com relação às independências políticas medíocres que viriam a surgir no século seguinte, mas com relação às verdadeiras independências que ainda estão por serem conquistadas aqui em nossa América Latina. Nelas, os espíritos dos mortos estarão presentes nos corpos das novas gerações de tupacamaristas que renascem a cada dia por toda a América Latina, invocando novos mitos e convocando os antigos para novas batalhas, dirigidas não apenas contra o imperialismo, como no passado, mas agora também contra os seus associados locais, em novos confrontos sem os quais liberdade nenhuma será possível. Com ela virá uma nova reordenação social, apta a dar cabo das verdadeiras necessidades dos milhões de famintos espalhados por todos os campos e cidades da América Latina.

Se alguns estudos históricos concluem que Túpac Amaru nada teve a ver com os movimentos subseqüentes, conclusão, a meu ver, profundamente equivocada e reacionária, como se a história não fosse uma totalidade em movimento, uma continuação ininterrupta de fatos, o passado que nunca passa, o passado presente no presente e construindo o futuro, não importa. Pois que seja um mito! Dele nos serviremos para os combates futuros, e o mito ingressará definitivamente na história.

***Viva Túpac Amaru!
Viva a luta pela independência
da América Latina!
Morte ao imperialismo!***

Evandro de Oliveira Machado
Em 31 de janeiro de 2004.